

# Fundamentos filosóficos da educação transdisciplinar

Dante Augusto Galeffi (UFBA)<sup>1</sup>

[dgaleffi@uol.com.br](mailto:dgaleffi@uol.com.br)

Noemi Salgado Soares (UFBA)<sup>2</sup>

[noemi.salgado@terra.com.br](mailto:noemi.salgado@terra.com.br)

## RESUMO

Por emergência de uma práxis pedagógica que viabiliza a construção de uma educação humana para a inteireza e plenitude vivente, o que chamamos de Educação Transdisciplinar, surgiu a necessidade da constituição de uma linha de pesquisa dedicada à investigação orgânica dos fundamentos filosóficos da abordagem transdisciplinar. Isto se configurou pela realização de um curso de especialização *lato sensu* em *Educação Transdisciplinar e Desenvolvimento Humano: A Arte de Aprender*, promovido pela Universidade Federal da Bahia, no qual um dos componentes curriculares é a disciplina Fundamentos Filosóficos da Transdisciplinaridade. Neste âmbito, foi possível desenvolver a descrição dos fundamentos filosóficos necessários para a realização de uma educação transdisciplinar. Esta operação constituiu-se em uma pesquisa que une teoria e prática, pois procura fazer valer o princípio diretor da educação vindoura: *aprender a ser-sendo*, em uma valência que pressupõe, de fato, o desenvolvimento humano na instância primacial do *autoconhecimento próprio e apropriado*. Nesta medida, trata-se de *fazer-aprender a pensar, aprender a ver, aprender a ser-com, aprender a fazer, aprender a ser-sendo*. Em primeiro lugar, o que significa fundamento e o que é a filosofia? Em segundo lugar, o que é a transdisciplinaridade? Ora, a forma de perguntar já nos liga a uma tradição historial longa: aquela do filosofar. Entretanto, sabemos nós o que é mesmo a filosofia? O que tem a ver filosofia com fundamento e com transdisciplinaridade? Estas perguntas mostram qual é o procedimento metodológico usado: o exercício filosófico é a atitude de disposição atenta e pronta que nos coliga às coisas mesmas. O fundamento é, filosoficamente falando, o *autoconhecimento*. Esta característica própria da filosofia não é algo que se adquire em livros e discursos corriqueiros, e seria engodo imperdoável fazer crer, a quem quer que seja, que por meio de conteúdos e repetições autorizadas se poderá alcançar uma educação humana transdisciplinar. É preciso, assim, tratando-se de fundamentos, de fazer-ver que o foco de uma *transdisciplina* como esta é a possibilidade de cada participante *aprender a pensar, a ver, a ser-com, a fazer a ser-sendo* de maneira própria e apropriada. Deste modo, partindo-se de uma compreensão de filosofia implicada com a *sabedoria* e com a *plenitude vivente*, o importante é proporcionar vivências de pensamento que se constituam em processos de aprendizado do autodesenvolvimento, sempre através da arte de aprender. Portanto, para se poder falar com propriedade de fundamentos filosóficos é preciso saber com clareza que não mais se trata de acumular conhecimentos, mas de processar, pela vivência da arte de aprender, o acontecimento do próprio ser cosmicamente disposto. Um dos pontos capitais no tratamento da questão é o diálogo com a tradição, sobretudo com os sábios da antiguidade. Começamos sempre pela pergunta pelo quê das coisas, porque esta é uma pergunta fundamental. Significa dizer que a pergunta pelo sentido do ser das coisas não é algo passado, mas uma emergência sem a qual nenhum ser humano faria sentido, muito menos o mundo extra-humano. Desta forma, perguntar pela essência das coisas é perguntar por si mesmo. Perguntar por si mesmo é algo doado aos humanos pelos deuses, uma doação que pode ser também uma danação. É seguindo este fio condutor interrogante que nos guiamos neste trabalho de atitude, pesquisa e ação transdisciplinar.

---

<sup>1</sup>Educador, Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Doutor em Filosofia da Educação, professor da Universidade Federal da Bahia, vice-coordenador e docente do curso de Pós-Graduação *Educação transdisciplinar e DH: a arte de aprender*. É membro do colegiado do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFBA (Mestrado e Doutorado), onde coordena a linha de Pesquisa *Filosofia, Linguagem e Práxis Pedagógica*, responsável pela linha de pesquisa *Educação Transdisciplinar*.

<sup>2</sup> Educadora, Mestre em Letras Vernáculas, Doutora em Filosofia da Educação, professora da Universidade Federal da Bahia, coordenadora e docente do curso de Pós-Graduação *Educação transdisciplinar e DH: a arte de aprender*. Desenvolve pesquisas sobre “*Fundamentos filosóficos e princípios pedagógicos da educação transdisciplinar*” no Centro de Estudos Baianos (CEB/UFBA) e no Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (mestrado e doutorado) da Faculdade de Educação da UFBA, na linha de pesquisa em *Educação Transdisciplinar* inserida na linha de Pesquisa *Filosofia, Linguagem e Práxis Pedagógica*.

**Palavras-chave:** Transdisciplinaridade, Fundamentos Filosóficos, Educação Transdisciplinar, Autoconhecimento, Arte de Aprender, Atitude Transdisciplinar

## 1. Os fundamentos filosóficos da educação em uma perspectiva transdisciplinar

A descrição dos fundamentos filosóficos da educação transdisciplinar pressupõe sempre um esclarecimento acerca do lugar em que esta ação é realizada. Qual é, pois, o ponto de partida deste discurso, que anuncia tratar da educação transdisciplinar em seus fundamentos filosóficos?

Partimos de uma emergência: a realização de um curso de pós-graduação *lato sensu* (especialização) em Educação Transdisciplinar<sup>3</sup>. Primeiramente, foi preciso conceber um projeto para o mesmo, que contemplasse uma trama curricular transdisciplinar. O projeto foi concebido fora do enquadramento disciplinar. No lugar de disciplinas, atividades de investigação. Entretanto, um curso como este, para merecer o reconhecimento acadêmico deve ainda adequar-se ao processo curricular vigente, completamente disciplinar. Por este motivo, chamamos de disciplina o que é uma transdisciplina. O importante, então, é que estamos fazendo uma experiência de educação transdisciplinar em um nível de pós-graduação, mesmo usando ainda uma nomenclatura disciplinar. É nesta experiência que se inscreve a atividade que trata dos Fundamentos Filosóficos da Educação Transdisciplinar. A mesma se coliga a uma “transdisciplina” chamada “Educação Transdisciplinar e Desenvolvimento Humano”.

Tudo começa com o desafio: de que modo se poderá tratar dos *fundamentos filosóficos da transdisciplinaridade* além dos limites da pedagogia disciplinar de conteúdos? Esta questão se desdobra na seguinte: como tratar dos fundamentos filosóficos, realizando uma autêntica compreensão filosófica articuladora da totalidade conjuntural que a tudo reúne no mesmo um? Como, portanto, realizar uma vivência filosófica fundada no *aprender a ser próprio e apropriado*? Mais ainda, como levar o educando a apropriar-se do seu processo de autoconhecimento radical, compreendendo o mesmo como o fundamento filosófico da educação transdisciplinar?

Essas questões levaram-nos a investigar o aprendizado de si mesmo, permitiu-nos definir a filosofia como a *arte de aprender a ser-sendo*. Deste modo, os chamados fundamentos filosóficos dizem respeito ao aprendizado dos planos de constituição das coisas mesmas, a partir da perspectiva humana e de suas relações de comum-pertencimento com o mundo/universo em sua totalidade. Trata-se de uma concepção de filosofia que não se limita ao acervo histórico já concretizado como produção de conhecimento, mas se abre para o aprendizado de si mesmo como ponto de não-retorno às teorias da representação do sentido. Estamos diante do mais abissal: o aprendizado de si mesmo como fundamento filosófico da educação transdisciplinar. Não se trata de palavras arbitrárias lançadas ao vento, mas de uma tomada de atitude diante daquilo que é, sendo. O desafio, então, é a realização do aprendizado de si mesmo. Mas, como isto é possível nos limites formais de um curso de especialização ou em outros cursos escolares?

---

<sup>3</sup> Este curso é oferecido pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e promovido pela Faculdade de Educação (FACED - Departamento II) e pelo Centro de Estudos Baianos (CEB). Vincula-se à linha de pesquisa *Educação Transdisciplinar* associada ao Grupo de Pesquisa *Epistemologia do Educar e Práxis Pedagógica* da linha de pesquisa *Filosofia, Linguagem e Práxis Pedagógica* do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação da UFBA (mestrado e doutorado). Teve início em agosto de 2004, contando com sete professores pesquisadores (6 doutores e 1 mestre) e 37 estudantes regulares, em sua maioria professores da rede pública e particular de ensino, de Salvador - Bahia.

É possível ensinar o outro a autoconhecer-se no mais radical sentido? O que é mesmo o “fundamento” que se busca na atitude filosófica radical? Quais são, assim, os fundamentos filosóficos da educação transdisciplinar?

Os fundamentos filosóficos da educação transdisciplinar não são entes dotados de uma racionalidade objetiva para além do ser humano. Se assim fosse, como seria possível cuidar da humanidade do homem? O aprendizado humano não se resolve por maquinação e repetição apenas, mas pressupõe o ser sensível aberto ao desvelamento de seu mistério, enquanto vive e compartilha da compreensão de si em sua doação própria e apropriada, como ser de relação, destinado a sempre ser. Nesta medida, os fundamentos investigados dizem respeito à abertura da autoconstituição de cada ser humano desejoso de investigar a si mesmo, o outro e o mundo como primeiro âmbito da educação transdisciplinar. O filosófico, então, configura-se no próprio aprendizado do pensar e do conhecer as coisas implicadas. O filosófico é a atitude investigativa radical, que se alcança pela perseverança e disposição amorosa ao ser em sua unidiversidade. Sem a implicação humana, o conhecimento filosófico se torna inapropriado e inútil. Portanto, o filosófico é propriamente *atitudinal*, o que requer uma outra maneira de conceber o desenvolvimento humano e a educação realizadora de sua liberdade partilhada e comum. E porque é *atitudinal*, o principal desafio é propiciar condições para que o outro possa experienciar o acesso a este âmbito de compreensão articuladora do sentido. O modo como isto se dá é um mistério, e não se trata aqui de eliminá-lo com uma aparente nova forma de falar dele. Não está ao alcance de ninguém poder sobredeterminar o mistério do outro. Não se pode imaginar um fundamento filosófico que atente contra este princípio de liberdade ontológica. Por definição, este não seria filosófico se partisse de uma idéia predeterminada de fundamento e de verdade. E porque é um mistério, não se pode, de nenhum modo, garantir ao outro o alcance de uma autoconsciência compreensiva, que se aproxima da sabedoria plena. Entretanto, pode-se fazer ver a origem comum de tudo, o sentido próprio do comum-pertencimento do ser humano e dos outros entes da natureza. Esta indicação não substitui a necessária vivência da arte de aprender: definitivamente, ninguém pode aprender pelo outro. Entretanto, como afirmava Paulo Freire, “ninguém aprende sozinho”. O ato de aprender é, assim, necessariamente dialógico e polifônico. O ato de aprender requer a disposição de abertura e acolhida do mistério do ser.

Eis aí um desafio grandioso: a realização de uma prática filosófica implicada com o aprendizado de si mesmo no sentido mais radical de suas possibilidades. Isto quer dizer que uma educação transdisciplinar haverá de ser o campo de realização de uma humanidade que aprende a ser continuamente: aprende a cuidar, aprende a contar, aprende a ouvir, aprende a *deixar ser o outro o caminho de sua vida*, aprende a fazer, aprende a aprender, o que a torna incondicionalmente ultrapassagem e transformação. Não é mais uma humanidade recortada por nações senhoras e nações escravas, mas uma humanidade que cuida responsavelmente da equanimidade de tudo. Uma humanidade amante da arte de ser plenamente a serviço da vida em si mesma.

Nossos interlocutores nesta empreitada são de múltiplas descendências. Todos, porém, são pretextos para a construção do hiper-texto transdisciplinar. Entre as muitas vozes acolhidas e meditadas encontram-se David Bohm, Krishnamurti, Heráclito, Heidegger, Platão, Aristóteles, Paulo Freire, Husserl, Keleman, Vimala Thakar, Maturana, Morin, Serpa, Dogen, Lao Tsé, Buda, Steiner, Piaget, Wilber, Einstein, Boff, Capra, Newton, Galilei, Nicolescu, Prigogine, Spinoza, Kant, Colli, Randon, Delors entre outros. Estas vozes fazem ressoar nossa procura de uma construção epistêmica para além da ciência regular vigente, a construção de uma ciência transdisciplinar capaz de conjugar todas as formas de saber produzidos e cultivados pelos seres humanos em todos os tempos e lugares.

Tudo isso fala da *atitude filosófica* como fundamento da educação transdisciplinar. Sem ambigüidade, compreendemos a *atitude filosófica* como *atitude transdisciplinar*. Deste modo, não nos interessa configurar o termo filosofia no enquadramento ocidental de sua utilização histórica, mas sim ressignificá-lo em sua valência originária como *busca amorosa de si mesmo*: autoconhecimento aprendente. Filosofia é, então, para nós, a *atitude aprendente disposta à investigação do si mesmo*. Neste sentido, não cabe associar o termo filosofia às escolas de pensamento e suas doutrinas consolidadas, pois isto seria o mesmo que perder de vista o caráter próprio da filosofia como aspiração à totalidade inalcançável do ser. A filosofia não deveria ser confundida com a forma de racionalidade desenvolvida na modernidade. Isto implicaria reduzir o seu espectro à produção do pensamento especulativo europeu e anglo-saxônico, induzindo a atribuir inexistência de pensamento filosófico nas culturas humanas não-ocidentais. Este preconceito nos deixa cegos diante da exuberância da *verdade do ser* em sua diversidade imprevisível. E porque estamos condicionados ao formalismo do mundo das representações ficamos insensíveis aos acontecimentos da diversidade que modula a experiência dos seres humanos em sua condição de participantes de uma única espécie. Em todas as partes do planeta, em todas as culturas e lugares sempre se desenvolveram formas de conhecimento sapiencial dos acontecimentos. O problema começa quando uma das formas quer se impor e dominar as outras, criando, assim, uma padronização de comportamentos e uma relação de subordinação e exclusão do que escapa ao modelo pré-determinado.

A pergunta feita pelos pensadores originários gregos, foi também feita em muitos outros lugares e tempos do planeta. Esta pergunta pode ser expressa na seguinte sentença: **o que é o ser do ente, enquanto é?** Como pergunta, ela ensejou múltiplos desenvolvimentos e diversas interpretações. Esta forma de perguntar, entretanto, mudando a maneira e a articulação, também se encontra em Buda e em Lao Tsé, em Cristo e em Dogen, na cultura Iorubá e nas religiões africanas. Neste sentido, o que autoriza a afirmação de que a filosofia é coisa exclusiva dos gregos e de seus descendentes diretos? Pensamos que esta autorização vem de uma limitação conceitual, que perde de vista o mistério do ser em seu insondável sem-fundamento. Perde de vista que aquilo que os gregos chamaram de filosofia não é algo exclusivo deles, mas neles aparece de forma peculiar e única. Apenas isto. Portanto, aquilo que entre os gregos apareceu com o nome filosofia, indicando uma atitude aprendente radical em busca do saber total, aparece em outras culturas com outros nomes, sejam estas culturas pré-históricas ou históricas. Assim, a palavra filosofia está indicando uma aspiração pelo conhecimento da totalidade conjuntural de tudo o que é e de nada que não é. Pensado deste modo, a filosofia ocidental/européia é apenas um caso do acontecimento de abertura do ser humano para o mistério do ser.

Atentos a essa compreensão articuladora que pensa a filosofia como atitude transdisciplinar diante do *aprender a ser-sendo*, tratamos dos fundamentos filosóficos a partir do diálogo com as vozes que realizaram uma experiência genuína de sabedoria. O importante é, em primeiro lugar, *aprender a ouvir o des-velamento do ser em nosso próprio ser*. Isto só se pode fazer fazendo. Além dos autores citados anteriormente como interlocutores da vivência transdisciplinar levada a termo, fazemos uso dos artigos da Carta da Transdisciplinaridade como expressões dos princípios filosóficos que permeiam a atitude investigativa transdisciplinar. Neste sentido, os “fundamentos” são pensados a partir de um reconhecimento de estruturas ontológicas comuns a todos os seres humanos, que se comportam ao modo do Dasein, isto é, do *ser-no-mundo-com*. Esta perspectiva se apóia epistemologicamente na articulação dos “níveis de realidade” concebidos pela Física Quântica. Encontramos-nos diante de uma profusão de possibilidades muito além da nossa comum racionalidade operatória e conceitual. Isto requer de nós uma abertura radical para o aprendizado de si mesmo. De imediato, nosso ser é o mistério a ser

investigado. É isto o que estamos chamando de fundamentos filosóficos da educação transdisciplinar: uma atitude aprendente atenta ao acontecimento polilógico da *verdade do ser*.

## **2. Alguns princípios filosóficos da educação transdisciplinar abordados e aprofundados nas transdisciplinas do curso de pós-graduação *Educação Transdisciplinar e Desenvolvimento Humano: A Arte de Aprender***

De acordo com os fundamentos filosóficos da educação transdisciplinar nenhum ser humano é visto como um a-luno, ou seja, como um ser sem luz. Na práxis pedagógica desta educação, todo indivíduo é reconhecido como um serluzente, que possui o direito de apropriar-se da vocação ontológica de ter luz própria em consonância com o pulsar originário da LUZ CRIADORA, também presente no pulsar da respiração de todo ser humano. O movimento de assumir o direito desta vocação ontológica lhe possibilita ser, simultaneamente, educando e educador na relação dialógica do processo de toda e qualquer aprendizagem.

Alguns princípios filosóficos desta educação estão alicerçados na compreensão educacional de Jiddu Krishnamurti a respeito da *arte de aprender*. De acordo com este educador, a vivência da *arte de aprender*, apesar de ser totalmente distinta da vivência do processo da aquisição/acúmulo de conhecimentos, proporciona ao ser humano possibilidades existenciais para que possa adquirir e usar os conhecimentos, sem ter que submeter-se à condição de prisioneiro-vítima das diferentes modalidades do funcionamento da programação da *mente velha condicionada*<sup>4</sup> em sua psique.

Na compreensão desse autor, o ato de aprender é uma arte que pode ser comparada com a arte de ver. A vivência do aprender, assim como a vivência do ver, acontece sempre no aqui agora de cada experiência existencial inusitada, em um momento presente irrepitível. Portanto, a vivência da arte de aprender é o acontecimento existencial ontológico, onde o ser humano

---

<sup>4</sup> “A constituição da mente humana, de acordo com Krishnamurti, está dividida em duas modalidades de funcionamento, a saber: *mente condicionada* e *mente criadora*. Para ele a mente condicionada, ativada há milhões e milhões de anos pelo ser humano, é velha, mecânica, programada, pessoal, transmilenarmente egocêntrica. Esta modalidade possui uma memória ancestral, que está armazenada nas velhas células cerebrais do homem. Ela se manifesta como tempo psicológico do pensamento condicionado, do pensar-sentir, do conhecimento, do intelecto. É ela que produz, sustenta e legitima a ancestral crueldade humana, proveniente da escravidão à ilusão da separatividade– vício do vírus contagioso de sentir-se pessoa particular – e ao querer ter poder sobre o outro, usufruindo-o para proveito próprio. (...) Para este educador, a mente velha – produzida, desenvolvida, legitimada e mantida pelo ser humano – é condicionada e a totalidade desse condicionamento é o “conhecido”. Na sua concepção, essa mente está condicionada, desde há milhões de anos, pela educação, pela religião, pelas ideologias, pelos dogmas, pelas tradições. Ele afirma que tal condicionamento, há muitos milhões de anos-séculos, cultivado e legitimado pela humanidade, se traduz, também, enquanto sistema de tradições, dogmas, crenças, hábitos, ideologias, preconceitos, que aprisionam o ser humano na caverna do “eu” psicológico, ancestralmente programado. (...) Assim, o sentido que Krishnamurti dá às palavras *mente velha condicionada* refere-se ao processo total do pensamento condicionado do ser humano, expresso como “eu” psicológico, tempo psicológico, células cerebrais do “velho” cérebro, intelecto, conhecimento, desejo, medo psicológico, apego, dependência psicológica, camadas profundas do inconsciente, onde estão inseridos os resíduos psicológicos do passado. Tal processo manifesta-se através da ativação da memória psicológica ou do resíduo da memória psicológica: resíduo do passado, da tradição, dos instintos raciais, da experiência, do conhecimento e da programação psicológica do ser humano.” (SOARES, Noemi Salgado. *Sobre uma pedagogia para o autoconhecimento: diálogo com algumas concepções educacionais de Jiddu Krishnamurti*. Tese de doutorado. Salvador: UFBA/FACED, Março de 2001, páginas 119, 120 e 121)

vivência a independência do passado de todo e qualquer conhecimento, arquivado na programação da memória da sua *mente velha condicionada*.

Krishnamurti entende que para aprender é também necessário saber ouvir. Na sua compreensão, o ato de ouvir é o ato de aprender e, para ouvir e ver, é necessário que haja atenção. Na sua investigação, ele constatou que a atenção é totalmente diferente da concentração. Ele entende que a concentração é um estado da mente onde o ser humano é dominado pelo processo de um controle, que move-se, por exemplo, através da contradição e da luta entre o que ele se esforça para fazer e o que os seus pensamentos e a sua vontade querem fazer. A atenção, por outro lado, é um estado da mente do ser humano, onde não existe a contradição própria de todo processo de controle, que acontece no movimento da concentração. Na atenção não há um controle nem um comando, que imponha a necessidade de se prestar atenção a algo ou a alguém. Este cientista da educação considera que a concentração obrigada impede o acontecimento da vivência do aprender, pois retira do ser humano a energia necessária para que possa ficar presente no presente do aqui-agora, sem estar atado ao peso/fardo do apego ao passado de todo e qualquer conhecimento, ou apego ao deveria ser de toda imagem/projeção do vir-a-ser. Ao contrário da concentração, a atenção, nunca está previamente direcionada ou fixada em um ponto específico de escolha de percepção.

Na atenção também não há a separação que há no movimento da concentração, onde quem se concentra sempre se sente separado do objeto/ponto/local/pessoa para quem canaliza a sua escolha de vontade perceptiva. A atenção é sempre inclusiva e nunca é induzida. A concentração, ao contrário, é sempre induzida e excludente. Apesar de desenvolver uma nítida distinção entre a atenção e a concentração, Krishnamurti considerava que na atenção poderia estar inserido um natural movimento de concentração, onde a pessoa se concentra em fazer algo não porque está sendo obrigada a se concentrar, mas sim porque está totalmente presente-interessada no que faz, conseqüentemente, está totalmente atenta. Este tipo de concentração é uma consequência natural de uma vivência de atenção: neste caso, a atenção produz uma natural concentração.

Na sua perspectiva, a *arte de aprender* implica também o processo da “observação pura” ou da “observação apaixonada” de instante a instante, que não é contínua. Portanto, uma observação sem memória, uma observação sem o observador, uma observação viva. Nesta “observação pura” ou “observação apaixonada” o ser humano vivencia uma das modalidades da *arte de aprender*, que implica o processo de observar, integralmente, no aqui-agora do presente ativo, o movimento do conhecimento acontecendo em suas experiências existenciais de relação. A vivência da “observação pura” acorda a “mente apaixonada” – *mente nova criadora* – do ser humano, que é apaixonada porque sempre está aprendendo, ou seja, sempre está viva/presente – sem nenhum referencial passado – na vivência-acontecimento existencial do aqui agora único e irrepetível.

Para Krishnamurti, o objetivo principal ou fato fundamental da escola é o aprender. Na sua compreensão, para que o ser humano possa vivenciar a *arte de aprender* é também necessário que a escola seja um lugar onde o educando e o educador tenham a liberdade de desfrutarem da vivência do ócio. Ele entende que o ócio não implica, em hipótese alguma, a idéia da vulgar liberdade condicionada do ser humano de poder fazer tudo o que os ditames da programação da *mente velha condicionada* lhe impulsiona-programa fazer. O ócio também não significa a vivência da preguiça para usar o tempo “livre” para devaneiar, para sair do aqui-agora do presente ativo e ser devorado pelos devaneios das projeções do vir-a-ser. Ele entende que o ócio significa a vivência da quietude da mente desocupada de passado. O ócio é o estado da mente humana liberta de todo e qualquer fardo do passado, sem qualquer forma de tensão,

preocupação, expectativa, projeção de vir-a-ser. O ócio é a vivência da mente que observa, de instante em instante, sem a interferência da memória psicológica condicionada. O ócio é o estado da mente que sempre está presente no presente ativo do aqui-agora do momento atual. Assim, na perspectiva desse educador, a vivência do ócio implica a vivência/ativação da “mente apaixonada” do ser humano. Esta mente é apaixonada porque sempre encontra-se quieta, desocupada, sem “pressão”, sem motivos, sem direção, sem a memória do passado, sem a projeção do vir-a-ser do futuro, livre para ouvir, ver, observar o que ocorre ao redor de si e observar aquilo que acontece dentro de si mesmo. É na espacialidade deste ócio que a mente encontra-se vazia, fora do *tempo psicológico*, livre de todo saber, livre de toda memória, porque está totalmente mergulhada no desconhecido do desconhecido.

Os fundamentos filosóficos da educação transdisciplinar sustentam que a escola é um espaço onde o estudante *serluzente* deve ser educado não somente para vivenciar a aquisição-acúmulo de conhecimentos, como também, e principalmente, para vivenciar a *arte de viver* a *arte de aprender* ou a arte de autoconhecer-se. Esta vivência inaugura no ser humano um movimento/estado de presença, ou seja, um movimento/estado de estar presente no aqui-agora, sem nenhum referencial do passado e sem nenhuma projeção futura do vir-a-ser.

O objetivo da educação transdisciplinar, ao reconhecer cada pessoa como um ser que possui luz própria, é convidar cada estudante – *serluzenteducando-educador* – a vivenciar o processo da arte de aprender ou da arte de autoconhecer-se. Nesta dimensão compreensiva, não há espaço para nenhum tipo de relação de hierarquia ou autoridade externa no acontecimento do encontro existencial-pedagógico entre o *serluzenteducando-educador* (tradicionalmente reconhecido como a-luno) e o *serluzenteducador-educando* (tradicionalmente reconhecido como professor), pois ambos, ontologicamente, são dotados de luz própria, são seres luzentes. Ao invés de incentivar a crueldade do fascismo da autoridade externa do professor, a ação pedagógica transdisciplinar ajuda o *serluzente* a descobrir a autoridade interna da sua vocação de ser responsável pela conquista de uma liberdade ontológica, que poderá ajudá-lo a libertar-se do julgo da programação psicológica da *mente velha condicionada* em sua psique.

A atitude pedagógica da ação educacional transdisciplinar objetiva educar o indivíduo não somente para que ele possa ativar a capacidade de adquirir conhecimentos filosóficos/científicos/técnicos, como também para que possa ativar a capacidade de conhecer, através da vivência do autoconhecimento ou da *arte de aprender*, o funcionamento da programação da *mente velha condicionada* em sua própria existencialidade. Portanto, ocupa-se tanto com o processo da aquisição-assimilação-memorização de conhecimentos teóricos e técnicos, como também com a vivência da arte de aprender. Assim, compreendemos que a vivência do autoconhecimento ou da arte de aprender, a partir da perspectiva de Jiddu Krishnamurti, é o eixo filosófico e pedagógico da educação transdisciplinar.

## Referências Bibliográficas:

- BOHM, David; PEAT, David. *Ciência, ordem e criatividade*. Lisboa: Gradiva, 1987
- \_\_\_\_\_. *A totalidade e a ordem implicada*. São Paulo: Cultrix, 1992
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. *O fenômeno humano*. Porto-Portugal: Tavares Martins, 1970
- COLLI, Giorgio. *La sapienza greca I*. Dioniso, Apolo, Eleusi, Orfeo, Museo, Iperborei, Enigma. 3ª ed. Milano. Itália: Adelphi Edizioni, 1995.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. *Transdisciplinaridade*. São Paulo: Palas Athena, 1997
- GLEISER, Marcelo. *A dança do universo: dos mitos de criação ao big-bang*. São Paulo: Companhia das letras, 1997
- GALEFFI, Dante Augusto. *O Ser-Sendo da Filosofia*. Uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender Filosofia. Salvador: Editora UFBA (EDUFBA), 2001.
- GALEFFI, Dante Augusto. *Filosofar e Educar*. Inquietações pensantes. Salvador: Quarteto Editora, 2003, 238 p.
- HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- HEISENBERG, W. *A parte e o todo, encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000
- KEYES JR., Ken. *O centésimo macaco: o despertar da consciência ecológica*. Tradução Carmen Youssef. São Paulo: Editora Pensamento, 1990.
- KRISHNAMURTI, Jiddu. *Nossa luz interior*. São Paulo, Ágora, 2000
- \_\_\_\_\_. *O verdadeiro objetivo da vida*. São Paulo, Cultrix, 1986
- \_\_\_\_\_. *Debates sobre a educação*. São Paulo, Cultrix, 1970
- \_\_\_\_\_. *Começo da aprendizagem*. São Paulo, Cultrix, 1982
- \_\_\_\_\_. *Cartas às escolas 1 e 2..* Buenos Aires, Kairós, 1987
- \_\_\_\_\_. *O novo ente humano*. Rio de Janeiro, ICK, 1975
- \_\_\_\_\_. *A educação e o significado da vida*. São Paulo, Cultrix, 1969
- PLATÃO. *Teeteto e Crátilo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3ª ed. Belém, PA: Editora Universitária da UFPA, 2001. (Teeteto, p.33-141; Crátilo, p.143-226)
- MATURANA, Humberto. "Transdisciplinaridade e cognição". In.:\_\_\_\_\_. *Educação e transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO, 2000.
- MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Tradução: Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Editora, 1996.
- NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo, TRIOM, 1999
- \_\_\_\_\_. *Educação e transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO, 2001
- PRIGOGINE, I. *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. São Paulo: UNESP, 2002
- RANDOM, Michel. *O pensamento transdisciplinar e o real*. São Paulo, TRIOM, 2000
- POPPER, Karl & ECCLES, John C. *O Eu e seu Cérebro*. Tradução: Silvio Meneses Garcia [et.al.]. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- SERPA, Felipe. *Rascunho digital: diálogos com Felipe Serpa*. Salvador: Edufba, 2004
- SOARES, Noemi Salgado. *Sobre uma pedagogia para o autoconhecimento: diálogo com algumas concepções educacionais de Jiddu Krishnamurti*. Salvador: UFBA/FACED (Tese de Doutorado), 2001, 680 páginas
- SOARES, Noemi Salgado. "Fragmentos de uma abordagem sobre alguns fundamentos pedagógicos da ação educacional transdisciplinar". In.: *Ágere Revista de Educação e Cultura* da pós-graduação da FACED/UFBA, Salvador, v. 4, n. 4, 2002
- ZUKAV, Gary. *A Dança dos Mestres Wu Li*. Uma visão geral da nova física. Tradução: Equipe da ECE Editora. São Paulo: Editora de Cultura Espiritual